



PELA GRAÇA DE DEUS

a atuação das mulheres na retórica de Katharina Schütz Zell e Martinho Lutero¹

BY THE GRACE OF GOD

Women's Agency in the Rhetoric of Katharina Schütz Zell and Martin Luther²

Sini Mikkola³

RESUMO⁴

O presente artigo examina a atuação/agência das mulheres no contexto da Reforma Protestante por meio de uma análise micro-histórica da interação entre Katharina Schütz Zell e Martinho Lutero na década de 1520. Schütz Zell, uma leiga ativa em Estrasburgo, desafiou as normas sociais e eclesiais ao escrever publicamente em defesa do casamento clerical e de sua própria união com o pastor Matthias Zell. Argumenta-se que Schütz Zell utilizou estratégias de autorização teológica e retórica para legitimar sua atuação pública, baseando-se na graça divina e em precedentes bíblicos. Simultaneamente, Lutero reconheceu sua atividade com entusiasmo, embora suas obras teóricas sustentassem a hierarquia de gênero. O paradoxo entre sua teologia normativa e sua prática pastoral evidencia a complexidade da atuação das mulheres no contexto do século XVI. Conforme demonstrado na pesquisa, Schütz Zell está inserida em uma tradição mais abrangente de mulheres que, entre os séculos XIV e

¹ Artigo recebido em 25 de abril de 2025, e aprovado pelo Conselho Editorial em reunião realizada em 22 de outubro de 2025, com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² O artigo foi originalmente publicado em inglês pela revista **The Scholar & Feminist Online** vol. 15, n. 1, nov. 2018, na edição *Women and Community in Early Modern Europe: Approaches and Perspectives*. Disponível em: <https://sfonline.barnard.edu/by-the-grace-of-god-womens-agency-in-the-rhetoric-of-katharina-schutz-zell-and-martin-luther/>. Acesso em: 16 abr. 2025.

³ Sini Karoliina Mikkola (Dra.) é pesquisadora de História da Igreja no programa de pós-doutorado na Universidade de Helsinque, Finlândia. Doutora em Teologia pela Universidade de Helsinque (2017). E-mail: sini.mikkola@uef.fi. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0810-2744>.

Tradução de Adriano Damasceno da Silva Júnior, graduando em Teologia na Faculdade Luterana de Teologia em São Bento do Sul/SC. E-mail: adriano.damasceno@flt.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-9064-0726>. Revisão de Alexander de Bona Stahlhoefer, professor de Teologia na Faculdade Luterana de Teologia em São Bento do Sul/SC e doutor em Teologia pela Faculdade de Teologia da Friedrich-Alexander Universität Erlangen-Nürnberg, Bayern. E-mail: alexander.stahlhoefer@flt.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3461-9472>.

⁴ Os resumos em português e em inglês foram adicionados para esta edição em língua portuguesa (N.T.).

XVI, reivindicaram expressão pública em nome da fé cristã. Em síntese, infere-se que, ainda que considerada uma exceção por seus contemporâneos, Schütz Zell constitui um elo substancial na história da participação das mulheres nas transformações religiosas da Europa.

Palavras-chave: Reforma Protestante. Agência das mulheres. Katharina Schütz Zell. Martinho Lutero. Autoautorização.

ABSTRACT

The present article employs a micro-historical analysis of the interaction between Katharina Schütz Zell and Martin Luther in the 1520s to examine the women's agency in the context of the Protestant Reformation. Schütz Zell, a devout laywoman residing in Strasbourg, defiantly challenged prevailing social and ecclesiastical norms by publicly advocating for clerical marriage and defending her own union with Pastor Matthias Zell. It has been posited that Schütz Zell employed strategies of theological and rhetorical legitimation to substantiate her public actions, anchoring her position on divine grace and biblical antecedents. Concurrently, Luther endorsed her work with great enthusiasm, despite the fact that her theoretical writings upheld the gender hierarchy. The apparent contradiction between the normative principles of theology and the pastoral practices observed in the sixteenth century underscores the intricacies of women's agency within the socio-cultural milieu of that era. As demonstrated by the findings of the research, Schütz Zell belongs to a more extensive tradition of women who, between the 14th and 16th centuries, asserted their right to public expression in the name of the Christian faith. To summarise, it can be posited that, despite being regarded as an anomaly by her contemporaries, Schütz Zell represents a significant conduit in the history of women's agency during Europe's religious transformations.

Keywords: Protestant Reformation. Women's agency. Katharina Schütz Zell. Martin Luther. Self-authorization.

“Minha querida! [...] Deus lhe concedeu tão ricamente Sua graça para que você [...] veja pessoalmente e conheça Seu reino, que está escondido de tantas pessoas”⁵.

Em dezembro de 1524, Martinho Lutero (1483–1546), um teólogo de Wittenberg, escreveu essas palavras para Katharina Schütz Zell (1498–1562), uma ativista protestante⁶ e divulgadora⁷ de Estrasburgo, depois que Schütz Zell se casou com um pastor evangélico e publicou um tratado para defender seu casamento e seu

⁵ Martinho Lutero para Katharina Schütz Zell (17 de dezembro de 1524) em LUTHER, Martin. D. **Martin Luther's Werke**: Kritische Gesamtausgabe. Briefwechsel. Weimar, 1930-1985, v. 3, n° 808, 405-6. As referências serão abreviadas para WA BR. As traduções são de minha autoria, a menos que especificado de outra forma. (N.A.)

⁶ Neste contexto *evangelical*, não deve ser lido com a conotação dada pelo contexto norte-americano, mas como cristãos oriundos e associados à Reforma. Mais bem compreendido em português como protestantes. (N.T.)

⁷ Em inglês *pamphleteer*. Significa, aqui, a pessoa dedicada a suas ideias e/ou de terceiros por meio de panfletos, cartas abertas e similares. Katharina escreveu e publicou publicamente vários textos durante sua vida. (N.T.)

marido. Por que Lutero considerava Schütz Zell exaltada pela graça de Deus? Como Schütz Zell entendia seu papel e justificava seus escritos e, de forma mais ampla, sua atuação [agency]⁸? Lutero estava interessado em aprovar a atuação pública das mulheres em geral ou Schütz Zell era um caso especial? Neste ensaio, concentro-me na atuação das mulheres e sua recepção na Alemanha⁹ durante a década de 1520 por meio de uma análise micro-histórica desses dois contemporâneos alemães¹⁰.

Como um dos líderes mais influentes da Reforma Alemã, as visões teológicas de Lutero foram amplamente adotadas entre seus contemporâneos. Suas observações gerais, muitas vezes bastante teóricas, sobre as mulheres e a feminilidade, também foram amplamente adotadas e compartilhadas. Sua visão sobre a atuação das mulheres da vida real, no entanto, era pouco conhecida no século XVI, assim como permaneceu por muito tempo na pesquisa moderna¹¹. Os estudos sensíveis ao gênero das últimas décadas começaram a diversificar as leituras da Reforma e de homens como Lutero, e a dar voz às mulheres e às minorias — participantes, anteriormente, considerados sem importância para a história do movimento¹². Schütz Zell é um exemplo dessas mulheres, cuja importância na Reforma só recentemente passou a ser reconhecida¹³. Ainda há muito trabalho a ser feito para que o discurso

⁸ Sobre a opção de tradução de *agency* por atuação confira a nota de rodapé n. 16. (N.T.)

⁹ Por “Alemanha”, refiro-me ao *Heiliges Römisches Reich Deutscher Nation* [Sacro Império Romano da Nação Alemã], que, em sua forma mais ampla, incluía partes da Alemanha moderna, Áustria, Eslovênia, Suíça, Bélgica, Luxemburgo, Holanda, República Tcheca, leste da França, norte da Itália e oeste da Polónia.

¹⁰ Charlotte Methuen usa um cenário semelhante, mas discute Lutero e quatro mulheres contemporâneas – incluindo Katharina Schütz Zell. METHUEN, Charlotte. ‘And Your Daughters Shall Prophecy!’ Luther, Reforming Women and the Construction of Authority. In: **Archiv für Reformationsgeschichte**, v. 104, 2013, p. 82-109.

¹¹ Para estudos sobre Lutero e as mulheres, veja MATTOX, Mickey L. **Defender of the Most Holy Patriarchs**: Martin Luther's Interpretation of the Women of Genesis in the Enarrations in Genesis, 1535-1545. Leiden: Brill, 2003; KVAM, Kristen E. Equality in Eden? Gender Dynamics and Luther's Lectures on the Creation of Adam and Eve. In: **Seminary Ridge Review**, v. 6, 2004, p. 5-18; PEDERSEN, Else-Marie Wiberg. A Man Caught between Bad Anthropology and Good Theology? Martin Luther's View of Women Generally and of Mary Specifically. In: **Dialog: A Journal of Theology**, v. 49, 2010, p. 190-200. Veja também a coleção editada de vários textos de Lutero relacionados às mulheres: KARANT-NUNN, Susan; WIESNER-HANKS, Merry E. **Luther on Women: A Sourcebook**. Cambridge: University Press, 2003.

¹² A necessidade de trazer à tona não apenas as mulheres, mas também outros grupos esquecidos da Reforma produziu vários estudos fascinantes. Veja, por exemplo, RÄISÄNEN-SCHRÖDER, Päivi. **Ketzer im Dorf**: Visitationsverfahren, Täuferbekämpfung und lokale Handlungsmuster im frühneuzeitlichen Württemberg. Konstanz: UVK Verlagsgesellschaft, 2011.

¹³ Elsie Anne McKee, em especial, trouxe sua importância à tona. Consulte McKEE, Elsie Anne. **Katharina Schütz Zell**. v. 1: The Life and Thought of a Sixteenth-Century Reformer; v. 2: The Writings: A Critical Edition. Leiden: Brill, 1999; McKEE, Elsie Anne. Katharina Schütz Zell. In: LINDBERG, Carter (Ed.). **The Reformation Theologians: An Introduction to Theology in the Early Modern Period**. Oxford: Blackwell, 2002. p. 225-237.

avance além da abordagem “adicione mulheres e mexa” que Merry Wiesner-Hanks descreve com tanta propriedade¹⁴.

A análise de gênero da Reforma geralmente se concentra nos escritos dos homens sobre as mulheres ou nos escritos das mulheres, mas raramente na interação entre os dois, como argumenta Charlotte Methuen¹⁵. Neste ensaio, examino essa interação por meio da análise de três textos da Reforma entre Schütz Zell e Lutero: O tratado de Schütz Zell, a carta de Lutero a Schütz Zell e uma obra selecionada, porém representativa, de Lutero do início da década de 1520. Uso “atuação”¹⁶ [*agency*] para me referir à capacidade de um indivíduo de agir em seu próprio nome, mas também em nome de outros. Uso “o uso do poder” [*the use of power*] para me referir à capacidade de um indivíduo de influenciar o comportamento de outros¹⁷. Analiso a atuação e a autoautorização de Schütz Zell — isto é, seu modo de legitimar a si mesma e suas ações — bem como discuto a visão de Lutero sobre o (a falta de) poder das mulheres em geral e a atuação de Schütz Zell em particular. Defendo que ambos, Lutero e Schütz Zell, a tratavam como um caso especial entre as mulheres, estando, por isso, dispostos a ultrapassar os limites do gênero dela.

1 ATUAÇÃO FEMININA NA PESQUISA DA REFORMA

Quando a pesquisa moderna sobre a Reforma se voltou às mulheres, tendeu a se concentrar nas mulheres da elite, especialmente da realeza¹⁸. Fontes primárias fragmentadas limitam as possibilidades de investigação e tornam difíceis, na melhor das hipóteses, análises mais sofisticadas¹⁹. O mesmo acontece com a forma como os acadêmicos fazem as perguntas. As pesquisas das últimas décadas ampliaram a

¹⁴ Wiesner, 1987; WIESNER-HANKS, Merry E. Women, Gender, and Church History. In: **Church History**, v. 71, n. 3, 2002, p. 600-620.

¹⁵ METHUEN, 2013, p. 84. Embora vários estudos históricos discutam as interações entre mulheres e homens, eles geralmente se concentram na Idade Média. Uma nova contribuição é, por exemplo, GRIFFITHS, Fiona J.; HOTCHIN, Julie (Ed.). **Partners in Spirit: Women, Men, and Religious Life in Germany, 1100-1500**. Turnhout: Brepols, 2014. Consulte também ERLER, Mary C.; KOWALESKI, Marianne. Introduction. In: ERLER, Mary C.; KOWALESKI, Marianne (Orgs.). **Gendering the Master Narrative: Women and Power in the Middle Ages**. Ithaca: Cornell University Press, 2003.

¹⁶ Optou-se nesta tradução pelo termo “atuação” ao invés dos comuns “arbitrio” ou “agência” para o inglês *agency*, para maior fidelidade a ideia do texto em suas várias aparições bem como melhor compreensão das ideias em língua portuguesa, mesmo cientes de que é o termo “agência”, em português, também exprime no uso filosófico o sentido da capacidade de um agente de interagir e produzir efeitos no mundo. (N.T.)

¹⁷ Compare SALMESVUORI, Päivi. **Power and Authority: Birgitta of Sweden and Her Revelations**. 2009. Tese (Doutorado) – Universidade de Helsinque, 2009, p. 25, 28.

¹⁸ CLASSEN, Albrecht; SETTLE, Tanya Amber. Women in Martin Luther's Life and Theology. In: **German Studies Review**, v. 14, n. 2, 1991, p. 232; DAYBELL, James. Introduction: Rethinking Women and Politics in Early Modern England. In: DAYBELL, James (Ed.). **Women and Politics in Early Modern England, 1450-1700**. Aldershot: Ashgate Publishing, 2004, p. 1-2.

¹⁹ WIESNER, Merry E. Beyond Women and the Family: Towards a Gender Analysis of the Reformation. In: **Sixteenth Century Journal**, v. 18, n. 3, 1987, p. 314-15. Veja também METHUEN, 2013, p. 83.

investigação sobre a atuação das mulheres²⁰. A compreensão dos acadêmicos sobre o conceito de poder se expandiu das simples relações políticas oficiais para incluir relações socioculturais, como as que ocorrem nas famílias²¹. Outra mudança significativa é a forma como os “estudos sobre a mulher” [*women's studies*] foram redefinidos como “estudos de gênero” [*gender studies*], com foco não apenas nas mulheres, mas também em aspectos comparativos de diferentes gêneros e no exame das experiências dos homens como homens, e não como representantes da humanidade²². Como resultado dessa mudança de paradigma, a pesquisa moderna sobre a Reforma inclui a discussão de como o gênero afeta a forma como um indivíduo vivencia a autoridade e como mulheres e homens puderam fazer escolhas dentro dos limites das estruturas sociais²³.

Na discussão de Lyndal Roper, em 1989, sobre a Reforma e seu impacto na dinâmica de gênero, ela argumenta que “a política da Reforma deu voz aos interesses e às percepções dos artesãos casados que governavam suas esposas e organizavam a força de trabalho subordinada de homens e mulheres da casa”²⁴. Roper critica as interpretações de acadêmicos como Steven Ozment, que sugere que a Reforma melhorou o status social tanto de mulheres quanto de homens e que as relações de poder doméstico se tornaram mais igualitárias do que antes²⁵. A questão do impacto da Reforma sobre as mulheres e do impacto das mulheres sobre a Reforma permanece relevante, porém sem resposta, conforme demonstrado por Wiesner-Hanks²⁶. De qualquer forma, parece que os ideais e as normas referentes às mulheres não sofreram grandes mudanças durante o século XVI²⁷. Por isso, a década de 1520 é

²⁰ Um exemplo interessante é WIESNER-HANKS, Merry E. **Mapping Gendered Routes and Spaces in the Early Modern World**. Burlington: Ashgate, 2015.

²¹ WIESNER-HANKS, Merry E. *Women and Gender in Early Modern Europe: New Approaches to European History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011, p. 276-7.

²² WIESNER-HANKS, 2011, p. 276; WIESNER-HANKS, 2002, p. 601, 610.

²³ RUBLACK, Ulinka. *Gender in Early Modern German History: An Introduction*. In: **German History**, v. 17, n. 1, jan. 1999, p. 1. A consideração do gênero como uma das categorias da pesquisa histórica apenas começou. Consulte WIESNER, 1987; WIESNER-HANKS, 2002.

²⁴ ROPER, Lyndal. **The Holy Household: Women and Morals in Reformation Augsburg**. Oxford: Oxford University Press, 1989, p. 3.

²⁵ OZMENT, Steven. *When Fathers Ruled: Family Life in Reformation Europe*. Cambridge: Harvard University Press, 1983, p. 99.

²⁶ WIESNER-HANKS, 2002, p. 609.

²⁷ Consulte KARANT-NUNN, Susan. *Continuity and Change: Some Effects of the Reformation on the Women of Zwickau*. In: **Sixteenth Century Journal**, v. 13, 1982, p. 17-42; KATAJALA-PELTOMAA, Sari; TOIVO, Raisa Maria. **Noitavaimo ja neitsytäiti: Naisten arki keskiajalta uudelle ajalle**. Jyväskylä: Atena, 2009, p. 223-37; SCOKIR, Joan; WIESNER-HANKS, Merry E. **Convents Confront the Reformation: Catholic and Protestant Nuns in Germany**. Milwaukee: Marquette University Press, 2010, p. 11; Gabriele Jancke, entre outros, coloca explicitamente a questão: “As mulheres tiveram uma reforma?” JANCKE, Gabriele. *Publizistin - Pfarrfrau - Prophetin. Die Strassburger ‘Kirchenmutter’ Katharina Zell*. In: EVANGELISCHE PREDIGERSEMINAR. **Frauen mischen sich ein: Katharina Luther, Katharina Melanchthon, Katharina Zell, Hille Feicken und andere**. Wittenberg: Evangelisches Predigerseminar, 1995, p. 55.

particularmente interessante, pois deu aos leigos, tanto mulheres quanto homens, a oportunidade de falar e escrever publicamente.

Apesar de As Noventa e Cinco Teses de Martinho Lutero, em 1517, terem sido o estopim da Reforma, a diferenciação ideológica vinha sendo formada na Alemanha desde pelo menos o século XIV²⁸. No início do século XVI, questões religiosas, políticas e sociopolíticas, como as relações de poder entre eleitores e bispos, bem como o destino dos mosteiros, dos conventos e de seus habitantes, passaram a ser objeto de intensas disputas. O casamento clerical foi objeto de considerável controvérsia, à medida que os evangélicos começaram a favorecê-lo no início da década de 1520. Thomas Kaufmann chega a afirmar que o casamento clerical estava profundamente ligado a toda a questão da identidade evangélica²⁹. A década marcada por turbulência social, política e eclesiástica, que carecia de roteiros de comportamento socialmente construídos — uma característica de épocas de mudanças rápidas — abriu espaço especialmente para os leigos³⁰. Essa oportunidade de atuação começou a diminuir no final da década — talvez já em 1525, como sugere Ulrike Zitzlsperger. Devido a distúrbios sociais, como a Guerra dos Camponeses, que eclodiu em 1524, após um longo período de tensões latentes, e foi reprimida em 1525, os leigos passaram a ser cada vez mais supervisionados como parte dos esforços para estabilizar o movimento evangélico³¹.

A atuação das mulheres na década de 1520 tem recebido atenção especial nos estudos da Reforma moderna, com abordagens variadas. Alguns estudiosos argumentam que a atuação das mulheres, examinada em uma perspectiva histórica mais ampla, é relativamente insignificante³². Outros sustentam que a atuação das mulheres é notável, apesar da brevidade do período em questão. Um exemplo dessa linha de pensamento é Ulrike Zitzlsperger, que observa que, embora o poder e a autoridade tenham permanecido nas mãos dos teólogos no final da década, especialmente

²⁸ KATAJALA-PELTOMAA; TOIVO, 2009, p. 227.

²⁹ KAUFMANN, Thomas. Pfarrfrau und Publizistin: Das Reformatorische „Amt“ der Katharina Zell. In: **Zeitschrift für Historische Forschung**, v. 23, n. 2, 1996, p. 169-74. Para debates sobre o casamento clerical, especialmente a partir da década de 1520, consulte PLUMMER, Marjorie. **From Priest's Whore to Pastor's Wife: Clerical Marriage and the Process of Reform in the Early German Reformation**. Farnham; Burlington: Ashgate, 2012. Para o *continuum* histórico mais amplo em relação ao casamento clerical, consulte PARISH, Helen. **Clerical Celibacy and Clerical Marriage in the West, c. 1100-1700**. Farnham; Burlington: Ashgate, 2010.

³⁰ A observação geral é feita em RUBLACK, Ulinka. Meanings of Gender in Early Modern German History. In: _____ (Ed.) *Gender in Early Modern German History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 6.

³¹ ZITZLSPERGER, Ulrike. Mother, Martyr and Mary Magdalene: German Female Pamphleteers and Their Self-Images. In: **History**, v. 88, n. 3, jul./2003, p. 379.

³² O trabalho de Lyndal Roper é representativo dessa atitude. Ver ROPER, 1989, p. 2.

após a Guerra dos Camponeses, muitas mulheres causaram “um impacto duradouro em seus contemporâneos masculinos” durante esse período³³.

2 AUTOAUTORIZAÇÃO DE SCHÜTZ ZELL

Katharina Schütz nasceu em uma família de artesãos na cidade livre de Estrasburgo³⁴. Ela teve uma boa educação, embora não em latim, o que revela a atitude favorável da família Schütz — especialmente do pai — em relação à educação³⁵. Em Estrasburgo, Schütz tinha a reputação de ser uma cristã devota e era um modelo de piedade e prática religiosa para outras jovens mulheres³⁶. Chegou a se identificar como *Kirchenmutter* (mãe da igreja) desde os dez anos de idade, conforme escreveu em um texto autobiográfico em 1557³⁷. Até ser influenciada pela teologia evangélica e, especialmente, pelas ideias de Lutero, Schütz planejava permanecer solteira e se sustentar como tecelã³⁸. É possível que as *mulieres religiosas* (mulheres religiosas) medievais, as beguinhas³⁹, tenham sido sua inspiração⁴⁰.

O movimento evangélico, que mais tarde daria origem às Reformas Protestantes, surgiu formalmente em Estrasburgo por meio de, nas palavras de Ozment, “disputas tediosas, quase escolásticas” do início da década de 1520 em diante⁴¹. A

³³ ZITZLSPERGER, 2003, p. 379-80. Sobre as relações de Lutero com suas contemporâneas mulheres, ver CLASSEN; SETTLE, 1991, p. 231-260.

³⁴ Para estudos biográficos de Katharina Schütz Zell, consulte McKEE, 1999, p. 3-229; STJERNA, Kirsi. **Women and the Reformation**. Malden: Blackwell, 2009, p. 109-31; DOMRÖSE, Sonja. **Frauen der Reformationszeit**: Gelehrt, mutig und glaubensfest. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2011, p. 45-57.

³⁵ KAUFMANN, 1996, p. 176; McKEE, 1999, p. 4-9, 12-28; STJERNA, 2009, p. 112; DOMRÖSE, 2001, p. 45.

³⁶ McKEE, 1999, p. 28. Veja também METHUEN, Charlotte. Preaching the Gospel through Love of Neighbour: The Ministry of Katharina Schütz Zell. In: **Journal of Ecclesiastical History**, v. 61, 2010, p. 710-11.

³⁷ ZELL, Katharina Schütz. Ein Brief an die gantze Burgerschafft der Statt Strassburg/von Katherina Zellin/dessen jetz saligen Matthei Zellen/dess alten und ersten Predigers des Evangelij diser Statt/nachgelssne Ehefraw/Betreffend Herr Ludwigen Rabus/jetz ein Prediger der Statt Ulm/sampt zweynen brieffen jr und sein/die mag mengklich lesen und urtheilen on gunst und hasss/sonder allein der war heit warnemen: Dabey auch ein sanffte antwort/auff jeden Artickel/seines briefs. In: McKEE, 1999a, p. 170; JANCKE, 1995, p. 57; KAUFMANN, 1996, p. 176.

³⁸ McKEE, 1999, p. 10-12, 14; STJERNA, 2009, p. 111; METHUEN, 2010, p. 710, 712.

³⁹ As beguinhas eram mulheres leigas que, sem fazer votos religiosos, viviam em comunidades dedicadas à oração, trabalho e caridade, e no século XVI enfrentaram críticas tanto da Reforma quanto da Igreja Católica. (N.T.)

⁴⁰ Duas das parentes de Schütz Zell em Estrasburgo podem ter sido beguinhas, como observa Methuen. METHUEN, 2010, p. 711. Um estudo que vale a pena ler sobre as mulheres religiosas na alta e no final da Idade Média e no início da era moderna é SIMONS, Walter. **Cities of Ladies**: Beguine Communities in the Medieval Low Countries, 1200-1565. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2001. Estrasburgo merece algumas menções no livro. Consulte também GRIFFITHS; HOTCHIN, 2014.

⁴¹ OZMENT, Steven. **The Reformation in the Cities**: The Appeal of Protestantism to Sixteenth-Century Germany and Switzerland. New Haven: Yale University Press, 1975, p. 13.

cidade foi palco de debates doutrinários, um dos quais ocorreu entre alguns clérigos católicos, notadamente Thomas Murner (1475–c.1537) e Conrad Treger (1480/3–1543), e clérigos evangélicos, como Martin Bucer (1491–1551)⁴². Também ocorreram debates internos dentro do movimento evangélico: havia, por exemplo diferentes posições sobre o batismo⁴³, bem como interpretações divergentes da Eucaristia entre Lutero e o teólogo Andreas Karlstadt (1486–1541)⁴⁴.

Desde o final da década de 1510, depois de ler os textos de Lutero e ouvir os discursos dos pregadores evangélicos locais, Schütz começou a reavaliar sua decisão de permanecer solteira. O primeiro ato evangélico público de Schütz foi o casamento com o pregador e sacerdote evangélico Matthias Zell (1477–1548) em dezembro de 1523⁴⁵. Em 1524, o bispo católico de Estrasburgo, Wilhelm von Honstein (c. 1470–1541), negou *beneficium* (privilégios) a seis clérigos casados, incluindo Zell, e depois os excomungou⁴⁶. Schütz rapidamente passou a participar do debate sobre o casamento clerical se desenrolava tanto em Estrasburgo quanto em outras regiões da Alemanha⁴⁷. A questão não era apenas sobre a reorganização da vida social, mas também sobre concepções antropológicas⁴⁸. A justificativa para a exigência do casamento clerical pode ser resumida em uma observação feita por Lutero 1523:

Todos nós fomos criados para fazer como nossos pais fizeram, para gerar e criar filhos. Isso foi estabelecido, ordenado e implantado por Deus em nós, o que é comprovado por nossos membros corporais, emoções diárias e pelo exemplo do mundo inteiro.⁴⁹

⁴² McKEE, 1999, p. 59-60.

⁴³ ARFFMAN, Kaarlo. **Reformaatio vai restitutio?** Historiallinen argumentti reformaattoreiden ja kastajaliikkeen väittelyssä lapsikasteen oikeutuksesta. Helsinki: Suomen kirkkohistoriallinen seura, 1994, p. 30-1. (Suomen kirkkohistoriallisen seuran toimituksia (SKHST), 167).

⁴⁴ DRESCHER, Karl. Einleitung. In: LUTHER, Martin. **D. Martin Luther's Werke: Kritische Gesamtausgabe**. 18. Band. Schriften 1525. Weimar: Böhlau, 1908, p. 37-61, esp. 41-2; BRECHT, Martin. **Martin Luther**. Band 2. Ordnung und Abgrenzung der Reformation 1521-1532. v. 2. Stuttgart: Calwer Verlag, 1986, p. 163-5 (Martin Luther, 2). Karlstadt permaneceu em Estrasburgo durante o outono de 1524. Observe que Andreas Bodenstein von Karlstadt é, no uso padrão atual, chamado de Andreas Karlstadt, em homenagem à sua cidade natal.

⁴⁵ STJERNA, 2009, p. 112-13. Sobre a discussão em Estrasburgo a respeito do casamento clerical, consulte McKEE, 1999, p. 42-9; METHUEN, 2010, p. 713-14.

⁴⁶ McKEE, 1999, p. 51. De acordo com Domröse, havia sete padres envolvidos. DOMRÖSE, 2001, p. 46.

⁴⁷ Para exemplos da retórica referente ao estado moral do clero, consulte HARRINGTON, Joel F. **Reordering Marriage and Society in Reformation Germany**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 35-8.

⁴⁸ Discuto isso em minha tese de doutorado MIKKOLA, Sini. **In Our Body the Scripture Becomes Fulfilled: Gendered Bodiliness and the Making of the Gender System in Martin Luther's Anthropology (1520-1530)**. Tese (Doutorado) – Universidade de Helsinki, 2017.

⁴⁹ LUTHER, Martin. An die herrn Deutschs Ordens, das sie falsche keuscheyt meyden und zur rechten ehlichen keuscheyt greyffen Ermanung. In: _____. **D. Martin Luther's Werke: Kritische**

Ele observou que o voto de celibato questionava “se um homem pode e deve ser um homem”⁵⁰. Do ponto de vista evangélico, o concubinato entre o clero era uma evidência clara de que os pastores deveriam ter a permissão de se casar⁵¹.

Foi nesse debate que Schütz Zell passou a atuar. Ela escreveu uma carta aberta ao bispo, mas o conselho municipal negou sua publicação⁵². McKee caracteriza essa negação como um “ato de equilíbrio” — a interferência de Schütz Zell em uma situação já delicada, na qual os conflitos surgiam com rapidez e facilidade, era tudo menos desejável⁵³. Além disso, o fato de uma mulher escrever para um bispo era um ultraje. Parece que essa reação do conselho manteve reservas quanto à autoridade feminina, ou até mesmo a negou. Ao discutir o caso de Mechthild de Magdeburg (c. 1210–1282), Sara S. Poor sugere que a autoria de mulheres era aceita somente quando discutia tópicos femininos ou quando estava sujeita ao domínio dos homens⁵⁴. As reservas dos homens não impediram Schütz Zell. Ela abordou o tema do casamento clerical em um tratado e, posteriormente, publicou uma apologia de seu próprio casamento no início de setembro de 1524⁵⁵. Tendo começado a escrever publicamente em 1524, geralmente sobre questões da época, ela continuou a publicar por um total de trinta e quatro anos, até 1558. Esse foi um período excepcionalmente longo para uma pessoa de classe média escrever publicamente; a maioria das pessoas leigas, que escreviam panfletos, costumavam publicar apenas por alguns poucos anos⁵⁶.

Logo nas primeiras linhas de sua apologia, Schütz Zell informa seus leitores de sua intenção de atacar *per verba* [por meio de palavras] não apenas Murner e Treger, os oponentes católicos dos evangélicos em Estrasburgo, mas também Johann Cochlaeus (1479–1552)⁵⁷. Ela inclui uma noção bíblica: “O que é fraco perante o

Gesamtausgabe. Weimar, 1883, v. 12, p. 242. As referências [**D. Martin Luther's Werke**: Kritische Gesamtausgabe] serão abreviadas para WA.

⁵⁰ WA 12, 243.

⁵¹ Sobre concubinato, ver, por exemplo, OZMENT, 1983, p. 5; PLUMMER, 2012, p. 11-50; 167-209; STJERNA, 2009, p. 35; THIBODEAUX, Jennifer D. **The Manly Priest**: Clerical Celibacy, Masculinity, and Reform in England and Normandy, 1066-1300. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2015, *passim*.

⁵² McKEE, 1999, p. 51; STJERNA, 2009, p. 118.

⁵³ McKEE, 1999, p. 51.

⁵⁴ POOR, Sara S. **Mechthild of Magdeburg and Her Book**: Gender and the Making of Textual Authority. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2011, p. 181-182.

⁵⁵ JANCKE, 1995, p. 58; McKEE, 1999, p. 62; METHUEN, 2010, p. 708-9.

⁵⁶ ROPER, 1989, p. 2-3; McKEE, 1999, p. xii. Um bom exemplo de uma panfletária leiga que publicou durante um período muito limitado é Argula von Grumbach (c.1490-c.1564), nascida na nobreza, que publicou com sucesso seus oito panfletos entre 1523 e 1544. Consulte ZITZLSPERGER, 2003, p. 382. Para uma tradução em inglês dos escritos de von Grumbach, consulte MATHESON, Peter (Ed. e Trad.). **Argula von Grumbach: A Woman's Voice in the Reformation**. Edinburgh: Clark, 1995.

⁵⁷ Cochlaeus era um humanista alemão e polêmico contra os protestantes.

mundo, Deus o escolheu para que pudesse envergonhar o que é forte”⁵⁸. Essa passagem pode ser lida como autorreferencial; Schütz Zell se vê como consciente de seu gênero e posição social, mas escolhida por Deus para sua missão. Ela parece ser humilde, mas, como McKee observa, sua obra está longe de ser autodepreciativa⁵⁹. Esse tipo de *topos* de humildade tem como objetivo ganhar o favor do leitor — ele observa a humildade da escritora, mas também destaca sua autoridade. Dessa forma, ainda que o contexto seja bastante distinto no caso de Schütz Zell, o uso desse *topos* se assemelha ao das mulheres místicas medievais, que também se apoiavam na autoridade de Deus para justificar sua fala⁶⁰.

De fato, Schütz Zell não duvidava de seu próprio valor como agente público. Em sua apologia, ela escreve:

Vejo quantas almas já pertencem ao diabo e continuam a pertencer, o que também foi o motivo pelo qual ajudei a promover o casamento clerical. Com a ajuda de Deus, também fui a primeira mulher em Estrasburgo a abrir o caminho para o casamento clerical. Naquela época, eu ainda não consentia nem desejava me casar com nenhum homem. Entretanto, como vi o grande medo e a furiosa oposição ao casamento clerical, assim como a grande prostituição do clero, eu mesma me casei com um sacerdote com a intenção de encorajar e abrir caminho para todos os cristãos – como espero que também tenha ocorrido. Portanto, também fiz um pequeno livro no qual mostrei o fundamento de minha fê e o motivo de meu casamento.⁶¹

A citação resume a autocompreensão de Schütz Zell como leiga e cristã que acreditava em seu direito de se expressar. Ela indica, em sua *apologia*, que não escreveu por desejo de exercer uma atuação pública, mas por causa de circunstâncias pessoais:

De fato, vi o que minha paciência excessiva causou, ou seja, por não me defender contra as grandes e mentirosas injúrias feitas contra mim, tanto

⁵⁸ ZELL, Katharina Schütz. Entschuldigung Katharina Schützzinn/für Matthes Zellen/jren Eegemahel/der ein Pfarrer und dyener ist im wort Gottes zü Straßburg. Von wegen grosser lügen uff jn erdiecht. In: McKEE, 1999b, p. 21. Comparar com I Coríntios 1.27.

⁵⁹ McKEE, 1999, p. 397.

⁶⁰ Sobre as mulheres e a autoridade dada por Deus, consulte HEINONEN, Meri. **Brides and Knights of Christ: Gender and Body in Later Medieval German Mysticism**. 2007. Tese (Doutorado) – Universidade de Turku, 2007, esp. p. 22; SALMESVUORI, 2009, esp. p. 29. Em sua tese de doutorado, Rose-Marie Peake prova que as mulheres europeias do início da modernidade usavam imagens e *topoi* semelhantes aos de suas irmãs medievais. PEAKE, Rose-Marie. **The Daughters of Charity and Moral Management in Seventeenth-Century France: Creating Conservative Catholics, Securing Survival**. Tese (Doutorado) – Universidade de Helsinque, 2015.

⁶¹ SCHÜTZ ZELL, 1999b, p. 39-40.

peessoas boas quanto más passaram a desconfiar, acreditando que sou culpada.⁶²

Do que Schütz Zell era culpada, então, na mente de seus contemporâneos isso se torna evidente nas linhas seguintes de seu tratado: “Pessoas de bem interpretaram minha paciência como se fosse uma confissão de que mereço o que se diz, e por causa disso se escandalizaram. ‘Como a carne se apega,’ disseram uns aos outros”⁶³. Ela era suspeita de ter se casado por lascívia, não por razão ou convicção religiosa, o que era uma suspeita comum enfrentada pelos evangélicos que optavam pelo matrimônio. A negação da atração física, bem como os argumentos em favor da moralidade de sua ação, tornou-se, assim, justificativas frequentes entre os reformadores, como Schütz Zell, Lutero e, por exemplo, o colega de Lutero, Justus Jonas (1493–1555)⁶⁴.

Schütz Zell enfatiza que suas ações são as de uma cristã, e não as de uma esposa:

[Eu escrevo] [n]ão porque ele é meu marido, mas unicamente porque ele é meu irmão e membro do corpo em Cristo. Caso contrário (se eu o defendesse como meu marido), eu não estaria agindo segundo a palavra de Deus, mas segundo o amor humano.⁶⁵

Seguindo o apóstolo Paulo, Schütz Zell acreditava que em Cristo não há *weder man nach weyb* (nem marido nem esposa)⁶⁶. Por isso, ao escrever sobre seu casamento, ela pretendia ser compreendida e apreciada, antes de tudo, como uma cristã agindo por amor ao próximo, e não como esposa⁶⁷. McKee propõe que Schütz Zell estava reivindicando para si mesma um papel independente e que, devido a seu gênero, ela precisava se autorizar⁶⁸. É improvável, no entanto, que ela tivesse estendido sua reivindicação de um papel independente a outras mulheres⁶⁹.

⁶² SCHÜTZ ZELL, 1999b, p. 24 (Trad. de Elsie McKee).

⁶³ SCHÜTZ ZELL, 1999b, p. 24 (Trad. de Elsie McKee)

⁶⁴ PLUMMER, 2012, p. 136, 138-9. Para a negação de Lutero de lascívia como razão para seu próprio casamento, veja, por exemplo, WA BR 3, no. 900, 541, 4-8. Para Nikolaus von Amsdorf (21 de junho de 1525).

⁶⁵ SCHÜTZ ZELL, 1999b, p. 23 (Trad. de Elsie McKee).

⁶⁶ Compare com Gal. 3: 28. SCHÜTZ ZELL, 1999b, p. 23.

⁶⁷ McKee faz a mesma observação sobre Schütz Zell. Consulte McKEE, 1999, p. 397.

⁶⁸ SCHÜTZ ZELL, 1999b, p. 23, ref. 13.

⁶⁹ McKEE, 1999, p. 55, ref. 18, 396; METHUEN, 2010, p. 718.

Schütz Zell reconhece a hierarquia entre os cônjuges e sua posição como mulher quando observa que, se ele soubesse do assunto, seu marido não lhe permitiria que escrevesse e publicasse a apologia⁷⁰. Zitzlisperger argumenta que essa passagem indica que Schütz Zell compreendia seu lugar na sociedade e dentro do sistema de gênero, com o objetivo de tornar-se um objeto com o qual seus leitores pudessem facilmente se identificar⁷¹. Dessa forma, Schütz Zell sugere que tomou apenas algumas liberdades em relação ao seu papel e reconhecia a posição de seu marido como autoridade. Argumento que ela pode ter buscado protegê-lo de acusações relacionadas à sua escrita. Esse tipo de preparação para a crítica e a persuasão dos leitores, paradoxalmente, enfatiza as liberdades que ela tomou em relação ao papel adequado de uma mulher quando escreveu publicamente⁷².

Schütz Zell descreve sua escrita como parte de uma relação de trabalho com o clero evangélico⁷³. Ela observa que é tão capaz quanto seus colegas homens de escrever sobre questões teológicas, os quais, com sua ajuda, podem economizar seu precioso tempo para assuntos mais importantes do que defender seus casamentos:

Quero me dirigir a ele [Conrad Treger], pessoalmente, por escrito, e responder a este pequeno livro. Visto que ele e seu livro não merecem tomar o tempo daqueles que devem estar incessantemente ocupados com a palavra de Deus, ... eles não deveriam ser impedidos dessa tarefa por terem de respondê-lo.⁷⁴

Ela também escreve sobre discussões com teólogos homens em outras partes do texto, implicando que ela era tão capacitada em assuntos teológicos quanto os homens e, portanto, plenamente apta a discutir com eles⁷⁵. A incapacidade de Schütz Zell de responder a tratados teológicos escritos em latim não era um obstáculo, porque esses textos podiam ser traduzidos para ela; ao escrever sobre Johann Cochlaeus, cuja obra ela estava criticando, ela observa: “Talvez eu lhe peça que o entregue a mim em alemão e, assim, lhe responderei”⁷⁶. Schütz Zell não foi a única

⁷⁰ SCHÜTZ ZELL, 1999b, p. 23.

⁷¹ Essa sugestão é feita por ZITZLSPERGER, 2003, p. 387.

⁷² Também discuto essa questão em MIKKOLA, Sini. Riutunut lammass ja Saban kuningatar: Naisten toimijuus ja itseoikeutus Katharina Schütz Zellin ja Florentina von Oberweimarin retoriikassa. In: **Finnish Journal of Theology**, v. 4, 2014, p. 423.

⁷³ Há uma noção semelhante da autocompreensão de Schütz Zell, apresentada em MCKEE, 1999, p. 451.

⁷⁴ SCHÜTZ ZELL, 1999b, p. 32 (Trad. de Elsie McKee). Schütz Zell faz alusão aqui ao livreto de Treger *Ad reverendum in Christo P. et illustrem Principem Fabrianum de monte Falcone Lausanensem Episcopum paradoxa Centum fratris Conradi Tregarii Heluecii Augustiniani Familie per superiorem Germaniam provincialis de ecclesie Conciliorumque auctoritate*. Ver SCHÜTZ ZELL, 1999b, p. 31, ref. 45.

⁷⁵ Consulte SCHÜTZ ZELL, 1999b, p. 34-5.

⁷⁶ SCHÜTZ ZELL, 1999b, p. 30 (Tradução de Elsie McKee). Esse tipo de autoautorização também pode ser encontrado em outras partes da apologia de Schütz Zell; veja especialmente 34-5.

escritora a justificar-se dessa forma. Outras mulheres publicamente ativas ofereceram explicações semelhantes para sua atuação e escrita: Ursula Weyda (n. antes de 1510 – m. depois de 1565), por exemplo, anunciou que poupava o precioso tempo de Lutero ao escrever em seu lugar⁷⁷.

Apesar de se considerar tão capacitada quanto seus contemporâneos masculinos, Schütz Zell também demonstra estar ciente dos argumentos que os teólogos homens poderiam usar contra sua atuação enquanto mulher⁷⁸. Ela antecipa os pensamentos de seus oponentes, por exemplo, da seguinte forma: “O que está na passagem de Ezequiel é ‘Seu filho do homem’ — isso não é dito a você, mas aos homens instruídos”⁷⁹. Para rebater esse tipo de argumentos, ela se alicerça em passagens bíblicas e apócrifas que servem como “justificativa teológica para suas ações”⁸⁰. Ela se refere à Paulo, que insistiu que não há nem mulher nem homem em Cristo, bem como ao Livro de Joel, onde se diz que Deus derrama seu Espírito igualmente sobre mulheres e homens⁸¹, usando cada uma dessas passagens como evidência de que ela tem direito a seus escritos⁸². Gabriele Jancke observa que os leigos frequentemente usavam Joel e Paulo para autorizar a fala em público⁸³. E, como destaca Päivi Räisänen-Schröder, a passagem do Livro de Joel foi usada especialmente por mulheres leigas para legitimar sua atividade pública⁸⁴.

Schütz Zell também se compara a mulheres poderosas, como Judite⁸⁵ e Ester⁸⁶, tendo esperança de que Deus a ajudasse em sua batalha contra Treger, assim como ajudou essas mulheres contra Holofernes e Hamã⁸⁷. Ela também se compara à rainha de Sabá que pôs à prova a sabedoria de Salomão⁸⁸. A sabedoria de “seu Salomão”, a saber, Johann Cochlaeus, entretanto, não foi convincente. Schütz Zell indica que Cochlaeus é, na realidade, um tolo declarado⁸⁹; ela faz um trocadilho com

⁷⁷ ZITZLSPERGER, 2003, p. 391.

⁷⁸ Methuen faz essa observação também em METHUEN, 2010, p. p. 727.

⁷⁹ SCHÜTZ ZELL, 1999b, p. 46 (Trad. de Elsie McKee).

⁸⁰ Citação de METHUEN, 2010, p. p. 708.

⁸¹ Compare com Joel 2.28.

⁸² SCHÜTZ ZELL, 1999b, p. 46.

⁸³ JANCKE, 1995, p. 58.

⁸⁴ RÄISÄNEN-SCHRÖDER, Päivi. Between Martyrdom and Everyday Pragmatism: Gender, Family, and wAnabaptism in Early Modern Germany. In: MURAVYEVA, Marianna; TOIVO, Raisa Maria (Orgs.). **Gender in Late Medieval and Early Modern Europe**. Nova York: Routledge, 2013, p. 93.

⁸⁵ Compare com Judite 13.6-8.

⁸⁶ Compare com Ester 7.10.

⁸⁷ SCHÜTZ ZELL, 1999b, p. 33. McKee argumenta que, como um todo, Schütz Zell se comparava mais frequentemente com as mulheres bíblicas do que com os homens bíblicos. Consulte McKEE, 1999, p. 235.

⁸⁸ Compare com 1 Reis 10.1.

⁸⁹ A expressão em inglês é *quite foolish*, literalmente, *bastante tolo*. A autora usa em um tom irônico e metafórico, o que seria o equivalente em português, ao dizer que alguém é um *tolos declarado*. (N.T.)

seu nome e observa que ele não passava de um *kochleffel* (colher de pau) que faz “barulho em um pote vazio”⁹⁰. Ela também se compara à jumenta de Balaão, que falou quando seu mestre não conseguiu ver o anjo⁹¹. Schütz Zell utiliza todas essas metáforas para justificar seu direito de se manifestar quando as circunstâncias assim exigirem.

Outras mulheres leigas do século XVI utilizaram metáforas e argumentos semelhantes para defender seu papel público. Essas mulheres levaram em conta a insistência de Paulo quanto ao silêncio das mulheres na congregação, mas utilizaram outros textos de Paulo, bem como outras passagens bíblicas, para argumentar contra isso⁹². Por exemplo, Argula von Grumbach utilizou as mesmas analogias empregadas por Schütz Zell⁹³. Parece óbvio que as semelhanças entre Schütz Zell e essas outras mulheres contradizem a proposição de Thomas Kaufmann, segundo a qual Schütz Zell teria sido única entre as mulheres de sua época⁹⁴. Nesse aspecto, ao menos, ela não foi.

O principal argumento de Schütz Zell em relação à sua atuação na apologia, assim como em outras partes de sua produção, parece ser que ela — uma pessoa leiga e uma mulher — não tinha apenas o direito, mas também a obrigação de defender sua fé em público, independentemente de seu gênero⁹⁵. McKee observa, no entanto, que Schütz Zell não estendeu seu argumento a outras mulheres, mas se via como um caso especial e uma colega de trabalho dos reformadores do sexo masculino⁹⁶. O mesmo aconteceu com muitas mulheres em posições semelhantes. Suas estratégias de autoautorização não eram únicas em sua forma, nem eram um fenômeno exclusivo do século XVI. Em geral, a autoautorização das mulheres na escrita tornou-se progressivamente mais ampla durante o final da Idade Média⁹⁷. As mulheres comumente argumentavam que eram casos excepcionais, muitas vezes fazendo alusão à graça de Deus⁹⁸. Assim, mesmo que Schütz Zell fosse única como

⁹⁰ SCHÜTZ ZELL, 1999b, p. 30.

⁹¹ SCHÜTZ ZELL, 1999b, 45-6. Compare com Nm 22.21-35. A metáfora do burro também foi usada, por exemplo, por Argula von Grumbach em seus escritos. MATHESON, 1995, p. 182.

⁹² ZITZLSPERGER, 2003, p. 381.

⁹³ METHUEN, 2013, p. 98; 100.

⁹⁴ Consulte KAUFMANN, 1996, p. 217.

⁹⁵ McKee fez a noção a respeito de toda a produção textual de Schütz Zells. McKEE, 1999, p. 390.

⁹⁶ McKEE, 1999, p. 55, ref. 18, 396. Ver também METHUEN, 2010, p. 718.

⁹⁷ Isso foi observado nos estudos a seguir: CHANCE, Jane. Speaking in Propria Persona: Authorizing the Subject as a Political Act in Late Medieval Feminine Spirituality. In: DOR, Juliette; JOHNSON, Lesley; WOGAN-BROWNE, Jocelyn (Orgs.). **New Trends in Feminine Spirituality: The Holy Women of Liège and Their Impact**. Turnhout: Brepols, 1999. p. 269-294; ERLER; KOWALESKI, 2003, p. 7.

⁹⁸ Consulte WIESNER, Merry E. Women's Defence of Their Public Role. In: ROSE, Mary Beth (Org.). **Women in the Middle Ages and the Renaissance: Literary and Historical Perspectives**. Syracuse: Syracuse University Press, 1986, p. 9-10.

indivíduo, ela foi entre muitas participantes de um longo e contínuo discurso sobre a atuação das mulheres.

3 LUTERO SOBRE A ATUAÇÃO DAS MULHERES

Logo depois que Schütz Zell publicou sua apologia, Lutero enviou-lhe uma carta, alegrando-se ao ver que “Deus lhe concedeu tão ricamente a Sua graça, de modo que você [...] vê e conhece pessoalmente o Seu reino, que está oculto a tantas pessoas”⁹⁹. Ele expressou sua satisfação com o casamento de Schütz Zell, ocorrido um ano antes, e ficou encantado por ela ter encontrado um marido adequado “por meio do qual você, diariamente e incessantemente, é mais capaz de aprender e ouvir sobre isso [o reino de Deus]”¹⁰⁰. Essa é a primeira das duas cartas que Lutero escreveu a Schütz Zell que sobreviveram nas fontes da *Weimarer Ausgabe*¹⁰¹.

É possível que o objetivo de Lutero em sua carta tenha sido enfatizar as relações hierárquicas de poder entre a esposa e o marido, como sugere a noção do marido como mestre e da esposa como discípula. Essa interpretação estaria de acordo com sua discussão geral sobre as mulheres no início da década de 1520. Ele argumentou que a hierarquia inicial entre os gêneros foi baseada na Criação, e não apenas na Queda, uma visão tradicional que se evidencia especialmente em seus escritos sobre os primeiros capítulos de Gênesis¹⁰². Lutero cristalizou seu ponto de vista nos **Sermões sobre Gênesis**¹⁰³ proferidos entre 1523 e 1524: “A mulher foi criada propositalmente para ajudar o homem, não para [o propósito de] prazer”¹⁰⁴. O homem era um representante suficiente da humanidade; a mulher foi criada, como Lutero disse, para ser sua companheira na reprodução¹⁰⁵.

⁹⁹ WA BR 3, no 808, 405-6.

¹⁰⁰ STJERNA, 2009, p. 112; WA BR 3, n° 808, 406, trad. de Susan Karant-Nunn e Merry Wiesner-Hanks.

¹⁰¹ Para ver a outra carta, consulte WA BR 6, n° 1777.

¹⁰² KARANT-NUNN; WIESNER-HANKS, 2003, p. 15-16. Para Lutero sobre o ensino e a pregação das mulheres, ver METHUEN, 2013, p. 85-93. O material mais comumente usado de um período posterior da vida de Lutero são suas *Lectures on Genesis (Palestras sobre Gênesis)* de 1535-45. Veja WA. Para observações sobre as continuidades no pensamento de Lutero no início da década de 1520, veja MATTOX, 2003, p. 30-1; MATTOX, Mickey L. Luther on Eve, Women and the Church. In: **Lutheran Quarterly**, v. 17, 2003, p. 459ç BELL, Theo M.M.A.C. Man Is a Microcosmos: Adam and Eve in Luther's Lectures on Genesis (1535-1545). In: **Concordia Theological Quarterly**, v. 69, 2005, p. 165

¹⁰³ Os manuscritos do sermão, intitulados *Predigten über das erste Buch Mose gehalten 1523 und 1524* [Prédicas sobre Gênesis proferidos em 1512 e 1524], podem ser encontrados em WA 14, 97a-450d. A versão impressa de 1527, *Über das erst buch Mose, predigete Mart. Luth. sampt einer unterricht wie Moses zu Ieren ist* [Sobre o primeiro livro de Moisés, Martinho Lutero pregou, juntamente com uma instrução sobre como Moisés deve ser ensinado], pode ser encontrada em WA 24, 1b-710b. Sobre a conexão entre os sermões realizados e a edição impressa, bem como sobre a relação entre as edições em alemão e em latim, veja PIETSCH, Paul. **Einleitung**. In: WA, 24, p. xiii-xvii.

¹⁰⁴ WA 14, 126b. Veja também WA BR 3, n°. 766, 327 para uma declaração semelhante.

¹⁰⁵ Sobre a retórica do casamento de Lutero, ver WA 10II, 276 [Da vida matrimonial (1522) disponível em português em OSeI 5,161-83]; WA 12, 238; MIKKOLA, Sini. Female as the Other in Martin Luther's Anthropology in the Early 1520s. In: EUSTERSCHULTE, Anne; WÄLZHOLZ, Hannah (Orgs.).

Lutero via a hierarquia de gênero como baseada na Criação e, em seus escritos de 1520, argumentou que a Queda confirmou a posição subserviente da mulher¹⁰⁶. Assim, a subordinação era uma parte essencial da feminilidade. Por exemplo, em *On Monastic Vows* [Sobre os votos monásticos] (1521)¹⁰⁷, ele observou que a obediência corporal era parte do papel de esposas, filhos, servos e cativos¹⁰⁸. Nos *Sermões sobre Gênesis*, Eva e, portanto, as mulheres como um grupo, eram mais fracas e simples do que Adão e, portanto, os homens como um grupo¹⁰⁹. Ele enfatizou ainda mais a diferença substancial, bem como a hierarquia, entre os sexos, usando uma metáfora amplamente conhecida do sol e da lua: “O sol não pode dizer: Eu quero ser a lua, e vice-versa, a lua não pode se tornar o sol”¹¹⁰. A representação das relações de poder entre mulheres e homens fazia parte da forma como ele justificava os papéis “naturais” e universais de esposa e mãe¹¹¹.

Isso não quer dizer que, como um ser criado, a mulher tivesse menos valor do que o homem — ela deveria ser honrada como uma boa criação de Deus, conforme sustentava Lutero¹¹². Ainda que suas habilidades não fossem iguais às do homem e ela fosse colocada abaixo dele, a ação de Deus em Gênesis provou que ela era valiosa¹¹³. Por exemplo, em seu tratado de 1522, *Estate of Marriage* [Da vida matrimonial], Lutero observou: “Agora você vê que ele [Deus] chama a mulher de boa e ajudante”¹¹⁴. Para Lutero, isso indicava que a mulher era agradável aos olhos

Anthropological Reformations: Anthropology in the Era of Reformation. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2015, p. 177. Para um resumo dos motivos dos reformadores para favorecer o casamento em vez do clastro, consulte KARANT-NUNN, Susan C. Reformation Society, Women and the Family. In: PETTEGREE, Andrew (Ed.). *The Reformation World*. Nova York: Routledge, 2002.

¹⁰⁶ Veja, por exemplo, WA 14, 141a, 141b; WA 24, 102b; KARANT-NUNN; WIESNER-HANKS, 2003, p. 15.

¹⁰⁷ WA 8, 573-669.

¹⁰⁸ WA 8, 645.

¹⁰⁹ WA 24, 83b-84b. Sermões sobre Gênesis. Similar em WA 14, 129a-130a, 129b-130b; KARANT-NUNN; WIESNER-HANKS, 2003, p. 15.

¹¹⁰ WA 24, 53b. Heide Wunder discute a analogia do sol e da lua em seu estudo; consulte WUNDER, Heide. *He Is the Sun, She Is the Moon: Women in Early Modern Germany*. Cambridge: Harvard University Press, 1998, p. 205-206.

¹¹¹ MIKKOLA, 2015, p. 179-81. Karant-Nunn e Wiesner-Hanks fazem observações semelhantes com relação à maternidade como missão das mulheres. KARANT-NUNN; WIESNER-HANKS, 2003, p. 171. Veja também METHUEN, 2010, p. 723-4.

¹¹² Consulte WA 10II, 276.

¹¹³ Com relação ao amor conjugal, Karant-Nunn e Wiesner-Hanks observam que “o amor recíproco entre os cônjuges não significava igualdade, e Lutero não acreditava nisso. A esposa era e tinha de ser a ajudante e subordinada do marido”. KARANT-NUNN; WIESNER-HANKS, 2003, p. 89.

¹¹⁴ WA 10II, 294 [Disponível em português em OSeI 5,161-83]. Sobre o fato de a esposa ser uma ajudante do marido, veja também WA 12, 233-234. Para visões comuns de mulheres como ajudantes durante a Reforma, veja THOMPSON, John L. *Rule Proved by Exceptions: The Exegesis of Paul and Women in the Sixteenth Century*. In: HOLDER, R. Ward (Ed.). *A Companion to Paul in the Reformation*. Leiden; Boston: Brill, 2009, p. 514-515.

de Deus e não deveria ser desprezada, e com essa postura ele questionou o pensamento de muitos de seus contemporâneos homens misóginos¹¹⁵. Em suma, Lutero fazia questão de defender o valor das mulheres, mas, em geral, não de questionar as hierarquias de gênero de sua época.

Lutero também utilizou formulações frases que parecem excluir a hierarquia de gênero e permitir a atuação das mulheres. Em *On Monastic Vows* [Sobre os Votos Monásticos], de uma forma paulina, similar à usada por Schütz Zell, ele argumenta que não existem distinções entre homens e mulheres:

Não é uma virgem ou um casto que será salvo, mas um cristão. Além disso, em Cristo não há homem ou mulher, nem virgem ou esposa, ou [qualquer tipo de distinção] semelhante, mas uma só fê, um só batismo, um só Senhor.¹¹⁶

No entanto, a passagem é mais bem compreendida como uma referência à igualdade de gênero em termos de salvação após a morte, não em relação à vida antes dela. Assim, Lutero considerava as mulheres e os homens iguais na salvação, não o contrário. Essa era uma visão bastante comum: tanto a tradição dominada pelos homens quanto muitos dos contemporâneos de Lutero acreditavam que a hierarquia de gênero fazia parte da vida presente, e não da vida após a morte¹¹⁷.

Schütz Zell atendeu às expectativas dos protestantes ao se casar e, assim, adotar seu papel adequado sob a tutela do marido. Em geral, casar-se era cada vez mais considerado como prova de uma identidade confessional entre os protestantes¹¹⁸. É provável que não tenha sido o casamento de Schütz Zell que inspirou Lutero a escrever para ela — afinal, ela havia se casado um ano antes. Mas sua apologia havia sido publicada pouco tempo antes de ele escrever para ela. Elsie McKee argumenta que a carta foi a resposta de Lutero a uma carta de Schütz Zell,

¹¹⁵ CORTRIGHT, Charles. *Poor Maggot-Sack that I Am: The Human Body in the Theology of Martin Luther*. 2011. Tese (Doutorado) – Marquette University, 2011, p. 43-44, 145; KVAM, 2004, p. 8-9; WIESNER-HANKS, Merry. *Christianity and Sexuality in the Early Modern World: Regulating Desire, Reforming Practice*. Abingdon: Routledge, 2010; WIESNER-HANKS, 2011, p. 22, 144.

¹¹⁶ WA 8, 652.

¹¹⁷ MATTOX, 2003, p. 34; MIKKOLA, 2017, p. 82-3; THOMPSON, John L. *Creata ad Imaginem Dei, Licet Secundo Gradu: Woman as the Image of God According to John Calvin*. In: **Harvard Theological Review**, v. 81, n. 2, 1988, p. 125-143. PARSONS, Michael. **Reformation Marriage: The Husband and Wife Relationship in the Theology of Luther and Calvin**. Eugene: Wipf & Stock, 2011. p. 81, 302. Else Marie Wiberg Pedersen sugere que, na visão de Lutero, a exclusão da hierarquia de gênero poderia ter se aplicado a essa vida também. Veja PEDERSEN, Else Marie Wiberg. *Ein furtrefflicher Munch: Luther and the Living out of Faith*. In: BULTMANN, Christoph *et al.* (Orgs.). **Luther und das monastische Erbe**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2007, p. 237.

¹¹⁸ De acordo com Plummer, a justificativa para o casamento clerical teve, em geral, três fases. A expectativa de provar a identidade confessional por meio do casamento coloriu especialmente a terceira fase. Consulte PLUMMER, 2012, p. 214-215.

na qual ela havia incluído sua apologia publicada como anexo¹¹⁹. De fato, é possível que o recebimento de uma cópia dessa apologia tenha provocado a resposta pessoal de Lutero.

Ainda que Lutero tenha elogiado expressamente o casamento de Schütz Zell em sua carta, ele também revela sua atitude em relação à sua escrita. Schütz Zell era, como observa Kirsi Stjerna, influenciada por uma variedade de figuras protestantes, mas “particularmente devotada à teologia de Lutero”¹²⁰. É possível que, ao escrever para Lutero, Schütz Zell tenha procurado fortalecer sua devoção a ele. Com base nessa ideia, bem como no momento e no tom da carta, eu tendo a considerar Lutero como um apoiador da atuação pública de Schütz Zell. É claro que a falta de desaprovação em relação à sua escrita pública e a ausência de proibição de escrever no futuro também sustentam fortemente a visão de que Lutero reconheceu a atuação dela. Além disso, é notável que Lutero não tenha escrito ao marido de Schütz Zell. Embora possa haver várias razões para isso, o fato de Lutero ter escrito especificamente para Schütz Zell revela que ele a via como uma agente a ser levada a sério.

Além disso, a referência de Lutero a Schütz Zell como alguém que conhece o reino de Deus foi um forte incentivo. Ao apoiar o movimento protestante tanto por meio de seu casamento quanto especificamente por meio de seus escritos, ela foi um exemplo de verdadeira cristã para Lutero. Charlotte Methuen chega a uma conclusão semelhante sobre Lutero e Argula von Grumbach, a quem Lutero estimava particularmente como “confessora da fé”, talvez mais do que como uma pensadora teológica¹²¹. Receber a graça de Deus e chegar à fé — que ele não via como algo específico de gênero — era um tema que Lutero também incluía em seus escritos teóricos¹²².

Aprovar a participação das mulheres nas esferas sociais, eclesiásticas ou políticas não foi um ato solitário ou sequer raro no caso de Lutero ou de outros pensadores do sexo masculino no final da Idade Média e no início da era moderna. Ao longo dos séculos, as mulheres foram incentivadas a apoiar os oficiais da igreja, combater heresias, atuar como mediadoras e influenciar seus maridos, entre outras coisas¹²³. Lutero parece ter apoiado o direito das mulheres de tomar decisões de acordo com sua própria consciência em vários casos, além do de Schütz Zell. Por exemplo, em 1524, ele aconselhou três freiras a permanecerem no convento, se

¹¹⁹ McKEE, 1999, p. 65-6. Parece possível que os dois não tenham se encontrado pessoalmente antes de 1538, quando os Zells viajaram para Wittenberg e conheceram Lutero. METHUEN, 2010, p. 709.

¹²⁰ STJERNA, 2009, p. 113; o impacto de Lutero sobre Schütz Zell é detectado em METHUEN, 2010, p. 711-12; 719; 723-6.

¹²¹ METHUEN, 2013, p. 102.

¹²² WIESNER, 1986, p. 3.

¹²³ Sobre isso, não apenas com relação às imperatrizes, mas também a outras mulheres influentes, consulte FERRANTE, Joan M. *‘Licet longinquis regionibus corpore separate.’* Letters as a Link in and to the Middle Ages. *Speculum*, v. 76, 2001, p. 877-895, esp. 881-2.

pudessem fazê-lo com boa consciência; ele acreditava que elas sairiam do convento, apesar de seu conselho, e, por isso, deixou que tomassem a decisão por si mesmas¹²⁴. No mesmo ano, ele escreveu um prólogo para um pequeno tratado propagandístico de uma freira da nobreza, Florentina von Oberweimar (c.1509–?), que havia fugido do convento e justificado suas ações por escrito¹²⁵. Ele escreveu um prólogo de aprovação semelhante em 1528 para um tratado de outra freira da nobreza, Ursula von Münsterberg (c.1491–c.1534), que também validou por escrito sua decisão de escapar do convento¹²⁶. Um excelente exemplo da aprovação de Lutero à atuação das mulheres é o relacionamento com sua própria esposa, Katharina von Bora (1499–1552), com quem se casou em 1525. Von Bora era ativa não apenas em sua casa, mas também, por exemplo, em assuntos eclesiásticos – com a bênção de seu marido¹²⁷.

Susan Karant-Nunn e Wiesner-Hanks observam que, como pensador e escritor, Lutero deve ser visto “sob a perspectiva dupla da teoria e da prática”¹²⁸. Ainda que ele defendesse pontos de vista teóricos que, em sua maioria, tendiam a colocar as mulheres sob o domínio dos homens em todos os aspectos, nem sempre os colocou em prática¹²⁹. Deve-se observar que a aprovação da atuação das mulheres nos exemplos acima serviu aos próprios objetivos de Lutero — especialmente no caso das freiras, que forneciam evidências da impiedade do convento. De fato, como Lyndal Roper aponta, Lutero podia e de fato usava os relacionamentos estrategicamente — entre eles, os relacionamentos com as mulheres¹³⁰.

4 CONCLUSÃO

Uma contribuição individual para um movimento como a Reforma é sempre o produto de vários fatores, sendo o gênero e o *status* social os mais destacados¹³¹.

¹²⁴ WA BR 3, nº. 766, 327.

¹²⁵ WA 15, 89-94.

¹²⁶ WA 26, 628-33.

¹²⁷ Em seus últimos anos, Lutero pediu conselhos a von Bora para escolher um pastor, por exemplo. Ver WA BR 9, nº. 3509, 168; KARANT-NUNN; WIESNER-HANKS, 2003, p. 187. Sobre von Bora, ver SMITH, Jeannette C. Katharina von Bora through Five Centuries: A Historiography. In: **Sixteenth Century Journal**, v. 30, 1999, p. 745-774; ZSCHOCH, Hellmut. Katharina Luther als Frau der Reformation. In: **Luther**, v. 72, 2001, p. 137-157; KARANT-NUNN; WIESNER-HANKS, 2003, p. 186-201; MIKKOLA, 2017, esp. 169-77; STJERNA, 2009, p. 51-70.

¹²⁸ KARANT-NUNN; WIESNER-HANKS, 2003, p. 9.

¹²⁹ A tensão entre teoria e prática no pensamento de Lutero também é discutida em MIKKOLA, 2015, p. 175-185.

¹³⁰ ROPER, Lyndal. To His Most Learned and Dearest Friend: Reading Luther's letters. In: **German History**, v. 28, n. 3, 2010, p. 283-295.

¹³¹ Sobre a interseccionalidade no início da era moderna, consulte WUNDER, 1998, 204-5. Para exemplos de estudos que discutem gênero, poder, sexualidade e normas sociais no início da era moderna, consulte ROPER, Lyndal. **Oedipus and the Devil: Witchcraft, Sexuality and Religion in Early Modern**

O gênero tornou-se um fator ainda mais importante durante o século XVI¹³². Por essa razão, a questão da atuação das mulheres na Reforma é complexa, e as generalizações sobre a experiência ou as possibilidades das mulheres se mostram frequentemente problemáticas¹³³.

Neste ensaio, mostrei que Schütz Zell tinha como objetivo convencer seus leitores de seu direito de atuar como escritora e, portanto, como agente pública. Ela sabia que seria julgada, talvez acima de tudo, como representante de seu gênero. Ela antecipou as possíveis críticas, ao se apresentar como uma cristã cuja obrigação era agir em nome de seus companheiros cristãos. Além disso, ela justificou sua escrita observando as circunstâncias que exigiam sua intervenção e, mais importante, embasou seu argumento com referências bíblicas que apoiavam sua atuação pessoal. Não apenas a retórica de seu texto, mas também o próprio texto, pode ser visto como um meio de autoautorização de Schütz Zell. Por outro lado, Lutero, em seus textos teóricos destinados principalmente aos homens, tendia a dar ênfase à falta de poder das mulheres. Ele frequentemente destaca o lugar apropriado da mulher sob o domínio do homem. No entanto, até certo ponto, ele aceitava a atuação das mulheres fora dos lares. Ele também parece ter incentivado Schütz Zell a assumir esse papel ativo.

O denominador comum na retórica de ambos os escritores era a noção da aprovação de Deus ao justificar a atuação de Schütz Zell. Schütz Zell aludia ao seu *status* como um instrumento escolhido por Deus. Lutero enfatizou que, através da graça, Deus estava agindo por meio dela. Os meios de autoautorização de Schütz Zell eram comuns a ela e a suas contemporâneas; a justificativa para suas ações estava mais amplamente baseada em uma continuidade histórica da autoautorização das mulheres. A ideia do dom da fé como graça de Deus era uma parte importante do pensamento teológico de Lutero e, por isso, sua aprovação da atividade de Schütz Zell não contradiz sua compreensão geral de gênero. A decisão de Schütz Zell de se expressar foi, como demonstrei, um indicador de sua própria afirmação de atuação dentro da comunidade protestante. A reação de Lutero a Schütz Zell revela como ele próprio podia manter, sem contradição, tanto uma posição que suprimia a atuação das mulheres quanto uma posição que a encorajava.

5 REFERÊNCIAS

ARFFMAN, Kaarlo. **Reformatio vai restitutio?** Historiallinen argumentti reformaattoreiden ja kastajaliikkeen väittelyssä lapsikasteen oikeutuksesta.

Europe. Londres: Routledge, 1997; RUBBLACK, Ulinka. **The Crimes of Women in Early Modern Germany**. Oxford; Nova York: Clarendon Press, 1998; WUNDER, 1998.

¹³² WIESNER, 1987, p. 317-318.

¹³³ Kirsi Stjerna chegou à mesma conclusão. Consulte STJERNA, 2009, p. 216.

Helsinki: Suomen kirkkohistoriallinen seura, 1994. (Suomen kirkkohistoriallisen seuran toimituksia – SKHST, 167).

BELL, Theo M.M.A.C. Man Is a Microcosmos: Adam and Eve in Luther's Lectures on Genesis (1535–1545). In: **Concordia Theological Quarterly**, v. 69, 2005, p. 159-184.

BRECHT, Martin. **Martin Luther**. Band 2. Ordnung und Abgrenzung der Reformation 1521–1532. v. 2. Stuttgart: Calwer Verlag, 1986. (Martin Luther, 2)

CHANCE, Jane. Speaking in Propria Persona: Authorizing the Subject as a Political Act in Late Medieval Feminine Spirituality. In: DOR, Juliette; JOHNSON, Lesley; WOGAN-BROWNE, Jocelyn (Orgs.). **New Trends in Feminine Spirituality: The Holy Women of Liège and Their Impact**. Turnhout: Brepols, 1999. p. 269-294.

CLASSEN, Albrecht; SETTLE, Tanya Amber. Women in Martin Luther's Life and Theology. In: **German Studies Review**, v. 14, n. 2, 1991, p. 231-260.

CORTRIGHT, Charles. **Poor Maggot-Sack that I Am: The Human Body in the Theology of Martin Luther**. 2011. Tese (Doutorado) – Marquette University, 2011.

DAYBELL, James. Introduction: Rethinking Women and Politics in Early Modern England. In: DAYBELL, James (Ed.). **Women and Politics in Early Modern England, 1450–1700**. Aldershot: Ashgate Publishing, 2004.

DOMRÖSE, Sonja. **Frauen der Reformationszeit: Gelehrt, mutig und glaubensfest**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2011.

DRESCHER, Karl. Einleitung. In: LUTHER, Martin. **D. Martin Luther's Werke: Kritische Gesamtausgabe**. 18. Band. Schriften 1525. Weimar: Böhlau, 1908.c

ERLER, Mary C.; KOWALESKI, Maryanne. Introduction. In: ERLER, Mary C.; KOWALESKI, Maryanne (Orgs.). **Gendering the Master Narrative: Women and Power in the Middle Ages**. Ithaca: Cornell University Press, 2003.

FERRANTE, Joan M. 'Licet longinquis regionibus corpore separate.' Letters as a Link in and to the Middle Ages. **Speculum**, v. 76, 2001, p. 877-895.

GRIFFITHS, Fiona J.; HOTCHIN, Julie (Ed.). **Partners in Spirit: Women, Men, and Religious Life in Germany, 1100-1500**. Turnhout: Brepols, 2014.

HARRINGTON, Joel F. **Reordering Marriage and Society in Reformation Germany**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

HEINONEN, Meri. **Brides and Knights of Christ: Gender and Body in Later Medieval German Mysticism**. 2007. Tese (Doutorado) – Universidade de Turku, 2007.

JANCKE, Gabriele. Prophetin – Pfarrfrau – Publizistin. Die Strassburger ‘Kirchenmutter’ Katharina Zell. In: EVANGELISCHES PREDIGERSEMINAR. **Frauen mischen sich ein**: Katharina Luther, Katharina Melanchthon, Katharina Zell, Hille Feicken und andere. Wittenberg: Evangelisches Predigerseminar, 1995, p. 55-80.

KARANT-NUNN, Susan C. Reformation Society, Women and the Family. In: PETTEGREE, Andrew (Ed.). **The Reformation World**. Nova York: Routledge, 2002.

_____. Continuity and Change: Some Effects of the Reformation on the Women of Zwickau. In: **Sixteenth Century Journal**, v. 13, 1982, p. 17–42.

_____; WIESNER-HANKS, Merry E. **Luther on Women: A Sourcebook**. Cambridge: University Press, 2003.

KATAJALA-PELTOMAA, Sari; TOIVO, Raisa Maria. **Noitavaimo ja neitsytäiti**: Naisten arki keskiajalta uudelle ajalle. Jyväskylä: Atena, 2009.

KAUFMANN, Thomas. Pfarrfrau und Publizistin: Das Reformatorische „Amt“ der Katharina Zell. In: **Zeitschrift für Historische Forschung**, v. 23, n. 2, 1996, p. 169–218.

KVAM, Kristen E. Equality in Eden? Gender Dynamics and Luther's Lectures on the Creation of Adam and Eve. In: **Seminary Ridge Review**, v. 6, 2004, p. 5-18.

LUTHER, Martin. **D. Martin Luther's Werke**: Kritische Gesamtausgabe. Briefwechsel. Weimar, 1930–1985. (Abreviação: WA BR)

_____. **D. Martin Luther's Werke**: Kritische Gesamtausgabe. Weimar, 1883–. (Abreviação: WA)

MATHESON, Peter (Ed. e Trad.). **Argula von Grumbach**: A Woman's Voice in the Reformation. Edinburgh: Clark, 1995.

MATTOX, Mickey L. **Defender of the Most Holy Matriarchs**: Martin Luther's Interpretation of the Women of Genesis in the Enarrationes in Genesim, 1535–1545. Leiden: Brill, 2003.

_____. Luther on Eve, Women and the Church. In: **Lutheran Quarterly**, v. 17, 2003, p. 456-474.

McKEE, Elsie Anne. **Katharina Schütz Zell**. v. 1: The Life and Thought of a Sixteenth-Century Reformer; v. 2: The Writings: A Critical Edition. Leiden: Brill, 1999.

_____. Katherina Schütz Zell. In: LINDBERG, Carter (Ed.). **The Reformation Theologians: An Introduction to Theology in the Early Modern Period**. Oxford: Blackwell, 2002. p. 225-237.

METHUEN, Charlotte. 'And Your Daughters Shall Prophesy!' Luther, Reforming Women and the Construction of Authority. In: **Archiv für Reformationsgeschichte**, v. 104, 2013, p. 82-109.

_____. Preaching the Gospel through Love of Neighbour: The Ministry of Katharina Schütz Zell. In: **Journal of Ecclesiastical History**, v. 61, 2010, p. 702-728.

MIKKOLA, Sini. **In Our Body the Scripture Becomes Fulfilled: Gendered Bodiliness and the Making of the Gender System in Martin Luther's Anthropology (1520–1530)**. Tese (Doutorado) – Universidade de Helsinque, 2017.

_____. Female as the Other in Martin Luther's Anthropology in the Early 1520s. In: EUSTERSCHULTE, Anne; WÄLZHOLZ, Hannah (Orgs.). **Anthropological Reformations: Anthropology in the Era of Reformation**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2015.

_____. Riutunut lammas ja Saban kuningatar: Naisten toimijuus ja itseoikeutus Katharina Schütz Zellin ja Florentina von Oberweimarin retoriikassa. In: **Finnish Journal of Theology**, v. 4, 2014, p. 319-333.

OZMENT, Steven. **The Reformation in the Cities: The Appeal of Protestantism to Sixteenth-Century Germany and Switzerland**. New Haven: Yale University Press, 1975.

_____. **When Fathers Ruled: Family Life in Reformation Europe**. Cambridge: Harvard University Press, 1983.

PARISH, Helen. **Clerical Celibacy and Clerical Marriage in the West, c. 1100–1700**. Farnham; Burlington: Ashgate, 2010.

PARSONS, Michael. **Reformation Marriage: The Husband and Wife Relationship in the Theology of Luther and Calvin**. Eugene: Wipf & Stock, 2011. p. 81, 302.

PEAKE, Rose-Marie. **The Daughters of Charity and Moral Management in Seventeenth-Century France: Creating Conservative Catholics, Securing Survival**. Tese (Doutorado) – Universidade de Helsinque, 2015.

PEDERSEN, Else Marie Wiberg. Ein furtrefflicher Munch: Luther and the Living out of Faith. In: BULTMANN, Christoph et al. (Orgs.). **Luther und das monastische Erbe**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2007, p. 221-241.

_____. A Man Caught between Bad Anthropology and Good Theology? Martin Luther's View of Women Generally and of Mary Specifically. In: **Dialog: A Journal of Theology**, v. 49, 2010, p. 190-200.

PLUMMER, Marjorie. **From Priest's Whore to Pastor's Wife: Clerical Marriage and the Process of Reform in the Early German Reformation**. Farnham; Burlington: Ashgate, 2012.

POOR, Sara S. **Mechthild of Magdeburg and Her Book: Gender and the Making of Textual Authority**. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2011.

RÄISÄNEN-SCHRÖDER, Päivi. Between Martyrdom and Everyday Pragmatism: Gender, Family, and wAnabaptism in Early Modern Germany. In: MURAVYEVA, Marianna; TOIVO, Raisa Maria (Orgs.). **Gender in Late Medieval and Early Modern Europe**. Nova York: Routledge, 2013.

_____. **Ketzer im Dorf: Visitationsverfahren, Täuferbekämpfung und lokale Handlungsmuster im frühneuzeitlichen Württemberg**. Konstanz: UVK Verlagsgesellschaft, 2011.

ROPER, Lyndal. To His Most Learned and Dearest Friend: Reading Luther's letters. In: **German History**, v. 28, n. 3, 2010, p. 283-295.

_____. **Oedipus and the Devil: Witchcraft, Sexuality and Religion in Early Modern Europe**. Londres: Routledge, 1997.

_____. **The Holy Household: Women and Morals in Reformation Augsburg**. Oxford: Oxford University Press, 1989.

RUBLACK, Ulinka. Gender in Early Modern German History: An Introduction. In: **German History**, v. 17, n. 1, jan. 1999, p. 1–8.

_____. Meanings of Gender in Early Modern German History. In: RUBBLACK, Ulinka (Ed.). **Gender in Early Modern German History**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

_____. **The Crimes of Women in Early Modern Germany**. Oxford; Nova York: Clarendon Press, 1998.

SALMESVUORI, Päivi. **Power and Authority: Birgitta of Sweden and Her Revelations**. 2009. Tese (Doutorado) – Universidade de Helsinque, 2009.

- SCOKIR, Joan; WIESNER-HANKS, Merry E. **Convents Confront the Reformation: Catholic and Protestant Nuns in Germany**. Milwaukee: Marquette University Press, 2010.
- SIMONS, Walter. **Cities of Ladies: Beguine Communities in the Medieval Low Countries, 1200–1565**. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2001.
- SMITH, Jeannette C. Katharina von Bora through Five Centuries: A Historiography. In: **Sixteenth Century Journal**, v. 30, 1999, p. 745-774.
- STJERNA, Kirsi. **Women and the Reformation**. Malden: Blackwell, 2009.
- THIBODEAUX, Jennifer D. **The Manly Priest: Clerical Celibacy, Masculinity, and Reform in England and Normandy, 1066–1300**. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2015.
- THOMPSON, John L. Creatura ad Imaginem Dei, Licet Secundo Gradu: Woman as the Image of God According to John Calvin. In: **Harvard Theological Review**, v. 81, n. 2, 1988, p. 125-143.
- _____. Rule Proved by Exceptions: The Exegesis of Paul and Women in the Sixteenth Century. In: HOLDER, R. Ward (Ed.). **A Companion to Paul in the Reformation**. Leiden; Boston: Brill, 2009.
- WIESNER, Merry E. Beyond Women and the Family: Towards a Gender Analysis of the Reformativo. In: **Sixteenth Century Journal**, v. 18, n. 3, 1987, p. 311-321.
- _____. Women's Defence of Their Public Role. In: ROSE, Mary Beth (Org.). **Women in the Middle Ages and the Renaissance: Literary and Historical Perspectives**. Syracuse: Syracuse University Press, 1986.
- WIESNER-HANKS, Merry E. Mapping Gendered Routes and Spaces in the Early Modern World. Burlington: Ashgate, 2015.
- _____. **Women and Gender in Early Modern Europe: New Approaches to European History**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- _____. Women, Gender, and Church History. In: **Church History**, v. 71, n. 3, 2002, p. 600-620.
- WIESNER-HANKS, Merry. **Christianity and Sexuality in the Early Modern World: Regulating Desire, Reforming Practice**. Abingdon: Routledge, 2010.
- WUNDER, Heide. **He Is the Sun, She Is the Moon: Women in Early Modern Germany**. Cambridge: Harvard University Press, 1998.

ZELL, Katharina Schütz. Ein Brief an die gantze Burgerschafft der Statt Strassburg/von Katherina Zellin/dessen jetz saligen Matthei Zellen/dess alten und ersten Predigers des Evangelij diser Statt/nachgelsne Ehefraw/Betreffend Herr Ludwigen Rabus/jetz ein Prediger der Statt Ulm/sampt zweynen brieffen jr und sein/die mag mengklich lesen und urtheilen on gunst und hasss/sonder allein der war heit warnemen: Dabey auch ein sanffte antwort/auff jeden Artickel/seines briefs. In: McKEE, Elsie Anne. **Katharina Schütz Zell**. v. 2: The Writings: A Critical Edition. Leiden: Brill, 1999a.

_____. Entschuldigung Katharina Schützinn/für Matthes Zellen/jren Eegemahel/der ein Pfarrher und dyener ist im wort Gottes zû Straßburg. Von wegen grosser lügen uff jn erdiecht. In: McKEE, Elsie Anne. **Katharina Schütz Zell**. v. 2: The Writings: A Critical Edition. Leiden: Brill, 1999b.

ZITZLSPERGER, Ulrike. Mother, Martyr and Mary Magdalene: German Female Pamphleteers and Their Self-Images. In: **History**, v. 88, n. 3, jul./2003, p. 379–392.

ZSCHOCH, Hellmut. Katharina Luther als Frau der Reformation. In: **Luther**, v. 72, 2001, p. 137-157.